



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

## **DEMANDAS RELIGIOSAS NA LUTA CONTRA A POBREZA E A EXCLUSÃO SOCIAL: uma análise comparada entre as experiências do Bairro Sagrada Família em São Francisco- MG (1979-1988) e a Comunidade Santo Expedito em Montes Claros-MG (1996-2004)**

**Harilson Ferreira de Souza**

Mestrando PPGDS- UNIMONTES/SEE-MG

Professor de História no 1º e 2º grau

E-mail: harilsonferreira@hotmail.com

**Luci Helena Silva Martins**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> do Departamento de Política e Ciências Sociais

PPGDS-UNIMONTES

E-mail: lucihelenam@yahoo.com.br

**Resumo:** O presente trabalho compara, numa perspectiva diacrônica, duas experiências de demandas locais que encontraram, na prática do pedir no meio religioso, em duas cidades localizadas no norte de Minas Gerais, um atrativo na luta diária contra a pobreza e a exclusão social. Trata-se, ainda, de uma discussão que faz parte da dissertação de mestrado ainda em curso, denominada **“Lutas urbanas contra a pobreza e a exclusão social: uma análise da pedagogia elástica da Igreja Católica no Desenvolvimento Social de São Francisco-MG (1979-1988)”**. Fez-se uso de pesquisa bibliográfica além de outras fontes, como artigos de jornais, pedidos encaminhados aos Santos, assim como testemunhos colhidos por entrevistas. Tema pouco discutido pelas ciências sociais buscou-se compreendê-lo para além da alienação que lhe é atribuído, mas como algo próprio de uma sociedade sem mediações; situado na complexidade da realidade social brasileira na qual até os pedidos por milagre, se tornam um elemento do dissenso, o qual permite-nos compreender quem somos e como vivemos na periferia do capitalismo.

**Palavras-chave:** Demandas populares, pedidos por graças, comparação e dissenso.

### **1-Introdução**

Nas duas últimas décadas do século XX, observou-se uma intensificação da internacionalização da economia em escala planetária. Num cenário imbricado de contradições e desigualdades produz-se uma série de situações em que não se encaixam os sobrantes, por efeito da lógica individualista e meritocrática própria do capitalismo. Esta *desfiliação* (Castel, 1998), mais do que a exclusão e mais do que a exploração apontada por Marx, hoje nega a bilhões de seres humanos no mundo inteiro, denominados de *subclasse*, o pertencimento ao Estado de Direito.

A fome deixa de ser um ato isolado ou ocasional e passa a ser um dado generalizado e permanente. Ela atinge 800 milhões de pessoas espalhadas por todos os continentes, sem exceção. Quando os progressos da medicina e da informação deviam autorizar uma redução substancial dos problemas de saúde, sabemos que 14 milhões de pessoas morrem todos os dias, antes do quinto ano de vida (SANTOS, 2003, p. 59).

Nas últimas décadas do século XX, o Estado moderno, projetado por uma racionalidade instrumental, tem se negado ao papel do provedor da sociedade. A política neste contexto se



2

apresenta como frágil, privatizada na maioria das vezes, atendendo aos interesses particulares, com prejuízo para a *res pública*. Em terras brasileiras, os desdobramentos destes acontecimentos assumiram formas variadas.

Durante o período de 1980 e 1991, a concentração da renda saltou dos 10% mais ricos, que era de 47 vezes, para 78 vezes sobre a renda dos 10% mais pobres. Evidencia-se o dito de Benjamim (1998, p. 110): “Uma democracia com sérias restrições à participação, à igualdade de oportunidade, incapaz de influir na distribuição da riqueza, perde a sua principal forma de legitimação ao longo da história.” Analisar as estratégias de alguns demandantes neste contexto é o objetivo desse estudo.

É fato que mesmo com as conquistas advindas com a Constituição Federal de 1988, do *impeachment* do presidente Fernando Collor de Melo, das políticas de controle da inflação consolidadas com o plano real, ainda persistem na sociedade brasileira, os dramas de uma “democracia, que não se abriu ainda aos ganhos de uma poderosa esfera pública, que não seja puramente privada nem puramente estatal (...), ampliando os espaços de participação e usando para isso, os recursos que o avanço das técnicas de comunicações propicia.” (idem, 1998, p.118).

O presente trabalho, nessa perspectiva, propõe comparar demandas locais em contextos e tempo históricos diferenciados, mas que encontraram na prática do pedir no meio religioso, mais especificamente entre fiéis católicos das cidades de São Francisco e Montes Claros, um atrativo na luta diária contra a pobreza e a exclusão social. Como estratégia, procurou-se compreender como as categorias pobreza, exclusão social, caridade e devoção, coadunam-se na órbita do desenvolvimento social, em tempos de globalização. Na primeira experiência, no período de 1979-1988, na cidade de São Francisco, destacam-se os anos finais da ditadura militar no Brasil, marcados claramente pelas restrições dos *direitos civis, políticos e sociais*. Na outra experiência, no período de 1996-2004, na cidade de Montes Claros, destacam-se os acontecimentos que buscam no religioso o que a política não concedeu: a ampliação dos direitos pela Constituição de 1988 não significou a solução dos problemas mais imediatos de acesso aos bens escassos, tais como, moradia, saúde, emprego, educação.

Ademais, tentou-se compreender o que leva uma parcela significativa de pessoas a procurar na instância do religioso, seja no *imane*nte ou no *transcendente*, o acesso aos bens materiais e ou morais, o que seriam em última análise, responsabilidade da política. Aqui não se pretendeu fazer



3

uma discussão conceitual mais ampla sobre pobreza, desfiliação social e desenvolvimento<sup>1</sup>. Tratou-se de se concentrar nas estratégias de alguns setores populares em torno da instância da religião para superar suas carências materiais mais pontuais. Intenta-se, porém, discutir tais noções de maneira indireta, ao se analisar os desdobramentos do processo de modernização brasileiro, concentrador e excludente na perspectiva de Furtado (1981). Aqui adotou-se o sentido geral de coibição da pobreza e da desfiliação, baseando-se nos valores da participação, donde ganha sentido especial a consolidação da perspectiva conceitual das liberdades substantivas que incluem capacidades elementares, por exemplo, de ter condições de “evitar privações como fome, subnutrição, a morbidez evitável e a morte prematura, bem como as liberdades associadas a saber ler e fazer cálculos aritméticos, ter participação política e liberdade de expressão, etc.” (SEN, 2000, p. 52).

Valemo-nos do método histórico interdisciplinar de Sartori (2002) e Franco (2000), os quais adotam a comparação, e para além desse estabeleceu-se um diálogo com a teoria crítica e o pluralismo de sujeitos envolvidos com a sociedade brasileira, vozes que vem da Sociologia Política, Antropologia Política, Economia e Religião, dentre outras. Esse pode ser um método importante para situar o problema e aprender com as experiências dos outros, por colocar em relevo a importância da invenção, da ruptura, da mobilização, da ação e, portanto, dos atores sociais responsáveis pela ação. Por outro lado, analisar duas experiências do catolicismo tradicional (Institucional), uma baseada em sua *Doutrina Social da Igreja* (DSI) e outra no *catolicismo santoral ou devocional*, não esgota a riqueza das experiências envolvendo religião, espalhadas pelo Brasil. Aqui adotou-se a perspectiva de Durkheim (1978, 1978, p. 222) segundo a qual “O fiel que comunicou com seu Deus não é apenas um homem que vê novas verdades que o descrente ignora; ele é um homem que pode mais. Ele sente em si mais força, seja para suportar as dificuldades da existência, seja para vencê-las”.

Nesse sentido, objetivou-se compreender o significado das práticas construídas pelos atores envolvidos no âmbito da Igreja Católica. Aproximou-se do sentido de Da Matta (1986), segundo o qual, é a linguagem religiosa que permite a um povo, destituído de tudo, que não consegue comunicar-se com seus representantes legais, falar e ser ouvido. Ademais, o sentido religioso está na cultura do povo brasileiro, pluralismo talvez fosse o termo mais adequado para mostrar que as mesmas pessoas podem participar de variadas práticas de cultos religiosos, com

---

<sup>1</sup>Essa questão se encontra aprofundada na dissertação de mestrado intitulada “Lutas urbanas contra a pobreza e a exclusão social: uma análise da pedagogia elástica da Igreja Católica no Desenvolvimento Social de São Francisco-MG (1979-1988)”, em desenvolvimento no PPGDS-UNIMONTES, pela qual somos responsáveis.



4

sentidos diferentes, com o sincretismo religioso que lhes é próprio e isso talvez signifique um momento de fazer alguma coisa para si próprio. Como diz Laura de Mello e Souza (1986, p. 378)

Em Salvador, no ano de 1983, vi uma moça da Bahiatursa responder da seguinte forma a um turista francês desejoso de saber se a lavagem do Bonfim era uma festa religiosa: “É religiosa, e é também profana.” Não encontrei mais o turista, mas posso imaginar sua expressão entre perplexa e deslumbrada com o carnaval ensurdecedor que se desenrolaria ante as escadas do templo mais venerado da Bahia.

Para alcançar os objetivos propostos, partiu-se da hipótese de que, a igreja, ao fornecer orientação para a conduta da vida, aflora o sentimento de comunidade, e transveste-se num espaço propício para formação do *dissenso* e assim possibilita que novas formas de luta sejam empreendidas.

O presente trabalho, portanto, numa perspectiva diacrônica compara demandas locais que encontraram na prática do pedir no meio religioso uma mediação para expressar carências que nunca na sociedade brasileira foram legitimadas como direitos sociais. O artigo está organizado da seguinte forma: num primeiro momento, faz-se uma abordagem histórica da ambivalente modernidade brasileira; em seguida apresenta-se as particularidades das duas experiências; posteriormente tem-se um balanço das semelhanças e diferenças entre as duas experiências e por último, as considerações finais.

## 2-A Inconclusa Modernidade Brasileira

No Brasil, as relações entre o Estado e a nação ficaram marcadas pelo conservadorismo e pelo oportunismo elitista, que não cessam em buscar meios que possam obstaculizar o desenvolvimento para amplos setores sociais. De acordo com Vera Telles (1993, p.20)

Arcaísmos da sociedade brasileira? Talvez. Porém, seria mais produtivo pensar que o problema não está num suposto atraso e tradicionalismo das classes populares, que esse arcaísmo, se é que faz sentido colocar nesses termos, está alojado no interior de uma modernidade incompleta, travada, que não se realiza plenamente, no sentido da constituição de uma sociedade na qual homens e mulheres pudessem descobrir o sentido do espaço público como espaço no qual a igualdade e a justiça se realizam na prática democrática da permanente e reiterada negociação.

Tais práticas reproduzem mandonismos, reiterando a dependência, caracterizando-se como um paliativo, ao segregar a neutralização das energias reivindicativas. O traço mais característico desta flagrante contradição cujo *consenso* torna-se o comportamento desejado é a supressão da política, sendo que esta é o *locus* onde deve conviver preempatoriamente a igualdade jurídica, o pluralismo e o respeito às diferenças. Essa configuração do espaço público brasileiro encontra em



5

Starling (2000), uma abordagem singular, por oferecer chaves de interpretação significativas ao contexto tomado como estudo. A autora aponta que:

A nossa modernidade inconclusa rejeita tudo que o Brasil modernizado não consegue mais aproveitar e descarta por improdutivo, supérfluo, inútil: a massa composta de vaqueiros, jagunços, tropeiros, garimpeiros, romeiros, roceiros, prostitutas, índios, velhos, mendigos, doentes, loucos, aleijados, idiotas, gente sem teto, sem coragem, sem direitos, sem futuro, sem existência política. (2000, p.158)

Neste anacrônico espaço público, a *religião* mostra-se como um *locus* atrativo para minimizar os problemas vividos num cotidiano fundado na ausência de um discurso em que a carência se legitime como direitos, ou seja, nesse sentido a carência não se politiza e resta somente a esperança de que as condições de vida vão melhorar. Nesse sentido, é limitador compreender as demandas por soluções religiosas contra a pobreza e a exclusão social, apenas no reducionismo analítico da alienação. “Não devemos por um minuto, nos esquecer de que o milagre é a possibilidade de outra realidade no interior da existente.” (CHAUÍ, 2003, p. 77) Mais do que isso, num *locus* atrativo, ou neste espaço comunitário educativo, os pobres adquirem a partir do seu capital simbólico, oportunidade para participar, negociar nas reuniões em grupo, expor pontos de vista, constituindo um indispensável *empoderamento*, no sentido do aprendizado, baseado no diálogo construtivo do dissenso coletivo e na expansão das liberdades de escolha e ação.

As duas experiências tratadas a seguir poderão trazer contribuições significativas ao debate, por destacar o sentido de inteligibilidade que a racionalidade destas pessoas adquire a partir da religiosidade. Torna-se então visível o grande desafio do estado de direito: produzir um equilíbrio entre todos os poderes de integração social baseados no dinheiro, no poder administrativo e na solidariedade.

### **3 - Demandas Religiosas: duas experiências comparadas**

#### **3.1 O Cristianismo Católico e sua opção pelos pobres**

De acordo com uma leitura da igreja católica esta busca em Cristo os motivos para voltar-se para os pobres. O argumento: o tipo de vida que se cria ao redor de Jesus não admite exclusão. A igreja do povo é a base para a transformação operada pelo Conselho do Vaticano II (1962-1965), favorecendo o episcopado da América Latina, que neste contexto realizou um encontro com o intuito de interpretar os documentos conciliares à luz da problemática latino-americana (*onde a exploração da classe trabalhadora, a pobreza e a exclusão social são a tônica*). Reunidos em Medellín, Colômbia, em 1968 e posteriormente em 1979, em Puebla, México surge então a Igreja dos Pobres, uma Igreja cristã que se



6

compromete com os pobres e excluídos. Assim, parte da Igreja Católica se vê motivada a um só tempo representar os papéis de mãe protetora e de mestre, ao cooptar o *desejo* das camadas menos favorecidas em obter os bens materiais e ou emocionais de um lado; do outro a resistência dos grupos abastados em *abnegar* parte de sua ganância concentradora da renda financeira nacional.

Um viés do debate contemporâneo relativo ao tema está centrado na maneira como a Igreja Católica lida com a pobreza e as desigualdades sociais. Duas tendências principais gravitam em torno da Doutrina Social da Igreja, (DSI) e da Teologia da Libertação<sup>2</sup>, (TdL). Na análise a seguir, discute-se os ideais de justiça da DSI, a partir dos Missionários Sagrada Família<sup>3</sup> em São Francisco, principalmente pelo pe. Vicente Euteneur.

### 3.2 A enchente de 1979 e a criação o bairro Sagrada Família

São Francisco é uma cidade situada no Norte de Minas e tem suas origens na posse de terras por Domingos do Prado, fundador do povoado Pedras de Cima, no início do século XVIII, transformado em cidade pela lei nº. 2416 de cinco de novembro de 1877, com o nome de São Francisco. (BRAZ, 1977, p. 35). Ainda de acordo com Braz (1977, p. 37), o município de São Francisco possuía, em 1977, uma população estimada em 66.223 habitantes num área de 8.141 m<sup>2</sup>, composta pela cidade de São Francisco, pelos distritos de Conceição da Vargem, Morro, Serra das Araras e Urucuia.

A experiência do bairro Sagrada Família, na cidade de São Francisco, insere-se num contexto brasileiro,<sup>4</sup> em meados dos anos 70, cujo autoritarismo inaugurado em 1964 já apontava sinais de abrandamento, desgaste que, sobre forte pressão social, culminou com a abertura política em 1985 e a Promulgação da Constituição, denominada Cidadã, em 1988.

O bairro fundado em 1979, no contexto da grande enchente do Rio São Francisco, favoreceu a hegemonia da caridade como instrumento mediador principal. As primeiras casas do bairro foram construídas com doações enviadas da Europa, principalmente da Alemanha, para socorrer as vítimas

---

<sup>2</sup> Para maiores detalhes veja-se o apêndice de Leonardo Boff (2005). Nele encontramos as cartas envolvendo o presidente da Congregação para a Doutrina da Fé, o Cardeal RATZINGER e frei Leonardo Boff.

<sup>3</sup> A congregação Sagrada Família foi fundada pelo Pe. francês João Batista Berthier, em Grave, na Holanda, aos 28 de setembro de 1895. A fundação se deu na Holanda porque a França passava por diversas restrições religiosas, ainda em consequência da Revolução Francesa de 1789. Seu lema é estar perto dos que estão longe. (FARIAS 2006, p. 09)

<sup>4</sup> O país possuía 75% da população vivendo em situação de marginalidade relativa; 43% condenada a viver com um salário mínimo. Como dizia o operário de Vila Penteadó (São Paulo), Manoel Paulo da Silva: “O que ganho é tão pouco que só dá para dizer que ainda estou vivo.” E a sua mulher Helena Gomes da Silva, completava: “Isto aqui não é vida de ninguém”. (BOFF, 2005, p.61)



7

da grande enchente que, segundo estimativas, atingira cerca de 10.000 desabrigados (Livro de Tombo. I. 1979. Fls. 95) O clérigo, ao socorrer as vítimas da enchente, imaginava-se cumprindo uma profecia preconceituosa do final do século XIX. Sobre esta questão, Silva (2008) ressalta que:

...a formação do bairro Sagrada Família, na região leste de São Francisco, pode vir confirmar uma “profecia”, deste município, do final do século XIX. Em 1.897, o Presidente da Câmara Municipal e Agente Executivo de São Francisco, Coronel Jacinto Augusto de Magalhães, legitimou padrões para futuras construções da cidade, e destinou a região leste para moradia e construção das famílias pobres. (...) a enchente foi o fator contribuinte para a concretização desta profecia excludente, preconceituosa e depreciativa. (...) Com isso, nota-se que o bairro já se constitui com elementos depreciativos impregnados sobre os moradores que povoariam este local (SILVA, 2008, p56).

Nesse contexto de privações materiais, progressivamente a figura do clérigo foi ganhando vulto. Ao distribuir pães após as missas dominicais, roupas vindas da Alemanha, cestas básicas, realizar mutirões para construção de casas, geração de renda com empregos diretos (19 funcionários com carteira assinada, entre pedreiros, carpinteiros e ajudantes), empregos indiretos na compra de tijolos, telhas e cal de pequenos produtores, foram se consolidando relações sociais pautadas pela confiança. Desta forma, para os atores sociais vitimizados pela enchente e pela pobreza, a comunidade cultural de cunho religioso pareceu ser uma alternativa eficaz para a construção de identidades defensivas que serviram de refúgio e fontes de solidariedade, como forma de proteção contra um mundo externo hostil. O trabalho do clérigo tornou-se a um só tempo, um escudo contra um mundo externo hostil, ao implantar soluções contra o desemprego e falta de moradias, conjugando desejo e abnegação, reprodução e transformação, permanência e novidade transvestida num espaço propício para manutenção da dependência e do assistencialismo, também da consciência de direitos. “A comunidade da Igreja se reserva ser o lugar da celebração do compromisso. Ali é onde as pessoas se congregam para se festejarem e ao seu amor, e aos seus sonhos e, através deles, à sua consciência”, (BRANDÃO, 1985, p. 155). Há neste *lócus*, portanto possibilidades de formação do *dissenso* e assim que novas formas de lutas sejam empreendidas. No depoimento a seguir, o clérigo constrói uma crítica diante da ausência de trabalho e de uma política de pleno emprego:

O povo não é preguiçoso, eu trabalho há muitos anos com muita gente, eu posso dizer que o povo, os homens querem trabalhar, e também trabalham, é claro em todo o canto em emprego provisório. O governo como vejo hoje aqui em São Francisco, faz pouco para arrumar emprego para as pessoas que estão na rua. Infelizmente por isso tem essa pobreza, por isso muitos não têm condição de construir um rancho, então vão para as fábricas e nas Firms, ganham pouco e gastam dinheiro lá e quando chegam aqui, o dinheiro só dá para pagar a conta de água. O que falta aqui é arrumar emprego. (Entrevista realizada no dia 30/08/2006)



8

Sr. Teodoro Mendes, 73 anos - um dos pioneiros do bairro, tendo adquirido casa com o padre Vicente -, ressaltou que ajudou nas construções das primeiras casas e, após esse período, trabalhou durante 24 anos nesse ofício. Inicialmente foram 30 casas e esse número, conforme iam chegando mais flagelados, ia aumentando. O acesso às moradias não seguia critérios econômicos retornáveis ou religiosos. O lado ecumênico estava relativamente presente. Há, entretanto, uma preferência por católicos casados, ademais, o que contava mesmo era a condição de pobreza do demandante da moradia. Por outro lado o Banco Nacional Da Habitação (BNH)<sup>5</sup>, criado em 1964 para combater o déficit habitacional de oito milhões de moradias, não se dirigiu prioritariamente para os setores populares de baixa renda. Os pobres dessa maneira ficavam distantes do acesso às habitações financiadas pelo BNH, por não atenderem as exigências salariais indispensáveis para o acesso ao crédito.

Este bairro ao longo dos anos, com o seu crescimento, passou a ser um dos alvos principais das eleições municipais, abrindo espaço para o político Severino, prefeito municipal. As ações do meio político significavam blandícias de toda sorte. Este é um dado de extrema importância na sociedade brasileira, onde “as demandas por direitos se faz muitas vezes reificando práticas renovadas de clientelismo e favoritismo que repõe diferenças onde deveriam prevalecer critérios públicos igualitários”. (TELLES, 1994, p.93). Doações de lotes através da prefeitura (1980-1997), casas populares e alimentos reificariam tais práticas. A prova de sua atitude paternalista e clientelista está no trecho a seguir:

*CASAS POPULARES:* Na primeira etapa serão construídas 85 casas populares no Bairro Sagrada Família, desta cidade, (...). Na segunda etapa, no mesmo bairro serão construídas mais 145, que depois de prontas, todas as entregas serão feitas a pessoas obedecendo a critério pessoal do próprio *PREFEITO MUNICIPAL*, o que será conhecido brevemente (SF Jornal, 15/04/1988, p. 01).

Esse universo criado em torno de Severino, as festas, mutirões, inaugurações de obras, atividades esportivas, cerimônias religiosas, tornou-se um ótimo espaço cênico para a promoção de sua imagem pública. Com isso o político pretende tornar homogêneo o comportamento coletivo em sua volta. Mesmo assim, os trabalhos do padre em contraposição ao clientelismo do político Severino, ganharam um sentido de inclusão, para um número significativo de pessoas do município. O tipo de vida que se vive na Igreja, enquanto comunidade, não pode se resumir a alienação. Deve-se observar que as práticas de reuniões, as mobilizações coletivas, compõem um conjunto de

---

<sup>5</sup> Entre as 4,5 milhões de unidades habitacionais financiadas ao longo da existência do BNH, (1964-1986), apenas 33, 5% foram formalmente destinadas aos setores populares, público alvo inicial. (AZEVEDO, apud FARAH, 1996, p.175).



habilidades adquiridas com a participação e vivência da cidadania, que mais cedo ou mais tarde vão engendrar novas formas de luta. Como atesta o depoimento de dona Amélia Mendes:

O padre Vicente tornou nossa vida melhor. Minha opinião sobre a pessoa dele, é que o padre ajudou muito os moradores do bairro Sagrada Família e continua ajudando: construindo casas, dando recursos para as pessoas desempregadas principalmente. O meu marido mesmo, quando chegamos aqui em 1979, não tinha serviço, foi ele quem arrumou. (Entrevista realizada no dia 20/03/2003)<sup>6</sup>

Os trabalhos do clérigo repercutiram para além dos limites do município e foi matéria da TV Alterosa no dia 18 de novembro de 1999. Naquela ocasião, o clérigo registrou no Livro de Tombo (18/11/1999, Fls. 54 v.): “da televisão vêm filmadores para filmar os trabalhos pastorais, antes de tudo os que a paróquia fez no campo social. No bairro Sagrada Família foram mais de 1.000 casas construídas com a ajuda dos irmãos alemães de um total que passam de 1.500 casas, espalhadas pela cidade e nas comunidades rurais atendidas por ele, mais de 80”. Neste ponto é necessário frisar, que atitudes como as empreendidas pelo clérigo, não acontecem livres de obstáculos. Tradições da Igreja Católica e da política baseadas no mandonismo, favores, caridade, ainda persistem, dificultando a formação de novas lideranças e a autonomia dos sujeitos. Segundo o clérigo: “*Eu não fui compreendido no início. Aqui, os que possuíam não se preocupavam com os que não possuíam posses. Deus quer assim, uns pobres, outros ricos diziam. Minha preocupação é uma só, que o homem evolua espiritualmente e materialmente, uma coisa completa a outra.*”<sup>7</sup>

A experiência do Bairro Sagrada família em São Francisco, nos mostra que “A sabedoria da Igreja parece por vezes estar em sua consciência de que nada pode ser eterno dentro dela, a não ser ela própria, com ou sem o domínio do povo dentro de sua ordem” (BRANDÃO, 1985, p.157). Entretanto, “a política é antes de tudo um modo de ser da comunidade que se opõe a outro modo de ser, um recorte do mundo do sensível que se opõe a outro recorte do mundo sensível” (RANCIÈRE, 1996, p.368). É neste elástico espaço social católico, que emergem os novos sujeitos falantes, capazes de produzir o dissenso, convertendo-se em cidadãos ativos, representantes despojados e identificados com os valores comunitários. A essência da política em última análise é o diálogo entre iguais no espaço público, nos quais “as diferenças podem se expressar e se representar em uma

<sup>6</sup> Entrevista realizada por ocasião da coleta de fontes para desenvolvimento do projeto de pesquisa do mestrado.

<sup>7</sup> Depoimento do pe. Vicente Euteneuer, coletado no dia 11/03/2003, em ocasião do levantamento de dados preliminares para elaborar o projeto de pesquisa para o mestrado em curso.



10

negociação possível, constituindo em uma moralidade pública através da convivência democrática com as diferenças e os conflitos que elas carregam” (TELLES, 1994, p.92).

### **3-3 Comunidade de Santo Expedito em Montes Claros-MG (1996-2004)**

Montes Claros, cidade do favor no dizer de Pereira (2002), e de demandas por emprego, saúde, educação e moradia, capital da região norte mineira, no dizer de Pereira (2009, 2010), também sentiu fortemente os desdobramentos das mudanças macroeconômicas dos anos 90. Neste contexto de grandes mudanças, a população buscou no elemento religioso uma forma de satisfação de suas carências mais pontuais. Essa crítica vai ao sentido de que carências não se transformam em direitos, sem que setores populares aprendam “através da lei e dos direitos que se firmam e se renovam na prática da representação, interlocução e negociação de interesses”. (TELLES, 1994, p.100). Aqui, tratar-se-ão das imbricações que configuram a comunidade Santo Expedito, onde a prática de deixar os pedidos ao pé da imagem do santo, com maior frequência nas cerimônias festivas, conferem um sentido todo especial para as pessoas que para lá se dirigem. Essa tradição, que remonta aos tempos de colônia, marcou “um catolicismo de muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre” (TEIXEIRA, 2005), mantida na devoção a Santo Expedito.

Na dimensão religiosa, os santos são percebidos como parte integrante da vida de muitas dessas pessoas. Quanto mais o número de milagres, maior a fé naquele santo. Pereira (2009, p.91), analisando o livro de registo das intensões das missas na Comunidade Santo Expedito, identifica no período de outubro de 2004 a junho de 2006, 297 agradecimentos a Santo Expedito por graças recebidas, 102 pedidos por saúde e sucesso em exames médicos e cirurgias e ainda, 19 pedidos por aprovações em vestibular e concursos. Este aspecto da relação entre pedidos, agradecimentos, atendimento e popularidade foi destacado por Pereira (2010) ao citar o depoimento da senhora Dulce Amorim Araújo

Acho que o pessoal, a maioria dos devotos, eles confiam na intercessão de Santo Expedito. (...) várias pessoas dão os depoimentos, cada graça maravilhosa que eles conseguem. Então, (...) a fé da gente só aumenta cada vez mais, né, diante disso. Diante de todas as coisas bonitas que a gente vê, o pessoal vai, dá o depoimento, fica emocionado, tudo aquilo cativa todo mundo, que mesmo quem não tinha aquela devoção, começa a ter, né. A fé de um vai contagiando os outros. (PEREIRA, 2010, p.90)

A relação da população montesclarenses com os santos é baseada na confiança e certeza do atendimento aos pedidos. “Quem conhece a situação da saúde pública no Brasil, do preço dos



11

convênios, a situação de subemprego, desemprego, há de convir que não seja só por alienação, mas também por conhecimento de causa e reconhecimento da impotência atual que se pede o pão nosso de cada dia para os lírios que já não são do campo” (CHAUÍ, 2003, p.77) Verificou-se em contraposição ao meio político uma confiança paciente e uma certeza de que na devoção a Santo Expedito, vão ser ou já foram atendidas as necessidades, que se atendidas ou não, são vistas como um direito moral, merecido, porque o pedinte não era um ladrão. Como nos mostra o depoimento de Wilma, de 47 anos, casada, mãe de três filhos e comerciante.

Eu recebi na minha vida uma graça (...) a maior graça que eu já tive em toda a minha vida por Nossa Senhora. Essa pra mim foi um milagre. E além dessa, que eu recebi, quando eu sempre tive dificuldade de trabalho, quando tive dificuldade pra cobrir um cheque, pra pagar alguma coisa e que não tava conseguindo vender eu sempre pedia, ajoelhava mesmo na loja, e pedia pra Nossa Senhora que eu tava ali querendo (...) tava ali trabalhando, que eu tava ali não tava roubando, eu tava querendo vender pra poder pagar, pra mim poder cumprir com meus compromissos. E era, assim, impressionante, porque era só a conta de eu rezar, pedir Nossa Senhora, passava pouco tempo tava um cliente comprando justamente o valor que eu precisava. Isso era... fora todas as vezes que eu precisava, que eu sentia esses apertos eu pedia e eu conseguia. (PEREIRA, 2010, P.91)

As necessidades (materiais ou emocionais), expressadas nas fontes coletadas evidenciam a realidade vivenciada pela população de Montes Claros em fins do século XX.

Diante do quadro de tamanha desigualdade social a crença no imponderável, a busca por soluções mágicas no universo religioso, configura-se como um caminho capaz de acolher esta população. A aposta é que nesta travessia abrem-se novas oportunidades de convívio, novo *ethos* recuperando a autoestima e impulso nas lutas por reconhecimento. Mas como toda aposta, pode-se perder.

### 3-4 Análise comparada

Refletir sobre demandas religiosas em sociedades capitalistas como a brasileira, onde convivem modernidade econômica sem modernização das práticas políticas, desdobrou-se em duas frentes contra hegemônicas (*caridade e devoção*). Elas permitem refletir e questionar os espaços de interlocução entre os carentes (os naturalizados pobres, indigentes, deserdados da sorte) e o poder. Estratégias motivacionais, instrumentos econômicos e políticos, sejam do Bairro Sagrada Família em São Francisco ou na Comunidade Santo Expedito em Montes Claros, configuraram-se como um espaço imbricado de representação e de materialização de aspirações existenciais mais imediatas. Por outro lado, num mundo individualista como o atual, “numa sociedade como a brasileira, em que



12

a demanda por direitos se faz muitas vezes numa combinação aberta ou encoberta com práticas renovadas de clientelismo e favoritismo que repõem diferenças onde deveriam prevalecer critérios públicos igualitários” (TELLES, 1994, p, 93), até o pedir tem um sentido do dissenso. Sendo assim, não se pode deixar de refletir sobre os significados de buscar na religião, qualquer que seja, nesse caso, representada pela Igreja Católica, um conforto que não se vê atendido no plano da política. Ao procurar na religião condições para o acesso aos bens escassos, não teríamos aí oculto, uma atitude contra hegemônica, porque contrária àquilo que aí está?

As duas experiências comparadas têm na prática do pedir à instância do religioso, o conteúdo das ações existenciais. Sendo crente ou agente, ambas são produtos de um Brasil controverso que as ciências sociais devem procurar compreender. A primeira experiência buscou no Catolicismo Tradicional os instrumentos econômicos, políticos e motivacionais, que pudessem lhes acudir da escassez de imediato. A *caridade* emerge neste contexto como categoria central, numa Igreja nos anos 70, ideologicamente mobilizada e comprometida com os ideais de justiça social e direitos humanos. A partir dela ocorreu a coesão social, capaz de gerar “o dissenso que rompe com a heteronomia e vai além da mera guerra de todos contra todos. Ele se baseia na ideia tácita da argumentação, no diálogo aberto e construtivo. É preciso primeiro provar que há algo a argumentar, um objeto, parceiros, um mundo que os contém” (RANCIÈRE, 1996, p.374). Esse é segundo o autor, o sentido do desentendimento, o que dá legitimidade ao diálogo construtivo.

A partir da consciência do “direito a ter direitos” (ARENDDT, 1989) adquiridos na vivência da participação, no diálogo, no aprender e no fazer juntos, surge uma forma de empoderamento necessária, a ação transformadora. Resta questionar se essas experiências permitiram essa consciência.

Se por um lado a primeira experiência, através do clérigo local, reificou paternalismo e clientelismo; por outro possibilitou que seus ideais de justiça social fossem exercitados no desenvolvimento do bairro Sagrada Família. “Movimentos sociais são também aqueles capazes de produzir adaptações de breve duração, marginais, incompletas, de pequena importância, mas que deixam marcas” (PASQUINO, 2004, p, 789). Deve-se observar que as práticas de reuniões, as mobilizações coletivas, compõem um conjunto de habilidades adquiridas com a participação, vivência da cidadania, que mais cedo ou mais tarde podem engendrar novas formas de luta.

Na experiência da comunidade Santo Expedito, as devoções ao Santo possibilitaram a alguns dos seus frequentadores fiéis, a materialização dos seus desejos através dos pedidos e da força espiritual para acreditar que seriam atendidos. Assim, pedidos de emprego, saúde, moradia,



13

reconhecimento social, aprovação em exames vestibulares e concursos, encontraram na fé e na confiança no santo, um caminho seguro para amenizar ou resolver as privações de toda sorte. A religião neste contexto significou um esforço feito pelos oprimidos para vencer um mundo sentido como hostil e persecutório.

Como evidenciou-se, existem diferenças significativas na maneira como se pede para atingir os seus objetivos. Enquanto no bairro Sagrada família, em São Francisco, os pedidos são direcionados ao padre Vicente Euteneur, na comunidade Santo Expedito, em Montes Claros, os pedidos são feitos em orações e promessas ao santo. Em ambas, a confiança é o cimento que regula as relações sociais, numa sociedade, dividida entre enclaves de modernidade e uma maioria sem lugar.

### **Considerações finais**

Depois da análise apresentada das experiências envolvendo o Bairro Sagrada Família em São Francisco e a Comunidade de Santo Expedito em Montes Claros-MG, a conclusão que chegamos é que a Igreja católica, instituição fortalecida pelo projeto político de desenvolvimento do país, ao romper com o estado autoritário brasileiro nos anos 60, mantém a sua importância no fato de reconhecer e atuar contra as carências materiais mais imediatas. Equidade e justiça entram no debate político do país impulsionado pelo seu apoio. Este apoio foi extremamente importante, quando se fala de um país cuja modernidade elide a noção de responsabilidade pública. Ao comparar as duas experiências em estudo, identificou-se que, seja no imanente seja no transcendente, a religião configura-se como o *locus* atrativo, para modos de existência diferentes ou iguais na carência e no desespero, fruto da ausência de um estado provedor, tendência que se acentuou nos anos 90, de refração do estado e ofuscação da política. Num caso, os fiéis tiveram um mediador carne osso, um padre alemão, no outro um santo, não tinham um padre para recorrer às casas, portanto, mais carência ainda, menos interlocução. A prática do pedir segreda uma atitude contra hegemônica numa sociedade cuja representação política de limitado alcance, reforça o caráter excludente da divisão social do trabalho, não atua para resolver as carências mais imediatas dos seus cidadãos.

Se tradições de incivilidade, autoritarismos, preconceitos, pobreza e exclusão persistem em nossa sociedade, a continuidade do dissenso, também manifestado por meio da religião, mantém em aberto às possibilidades criativas de seu enfrentamento. Esse enfrentamento perpassa pela consciência da inexistência, na sociedade brasileira, de limites, ainda nada claros, entre a esfera



14

pública e privada e da necessidade premente de rediscutir os sentidos das ações da representação pública. Nesse ponto, a Igreja mostrou-se como um *locus*, capaz de se converter numa comunidade resistente e coesa contra um mundo externo injusto, desigual e hostil ao acolher as demandas populares materiais e ou emocionais. Sendo crentes ou agentes, os demandantes por soluções religiosas fazem parte do universo do humano, o qual as Ciências Sociais devem buscar compreender.

## Referências

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BENJAMIN, César. [et.al.] **A Opção Brasileira**. Rio de Janeiro, Contraponto, 1998.

BOFF, Leonardo. **Igreja, Carisma e Poder**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRAZ, Brasileiro. **São Francisco nos caminhos da História**. São Francisco: 1977.

CASTEL, Robert. **Metamorfoses da questão social**. Petrópolis, Editora Vozes, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. 10ª ed., São Paulo, Cortez, 2003.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil ?** 2ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo. Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores)

FARAH, Maria Ferreira Santos. **Trabalho na Construção Habitacional: Tradição e Mudança**. São Paulo: ANNA BLUME, 1996.

FARIAS Jorge Paulo Ponciano de. **50 anos dos Missionários da Sagrada Família em Minas Gerais. Brasil (1956-2006)**. Ed. Província do Brasil Leste. Januária, 2006.

FRANCO, Maria Ciavatta. **Quando nós somos o outro: Questões teórico-metodológicas sobre estudos comparados**. Educação e Sociedade, ano XXI, nº 72, Agosto, 2000.

FURTADO, Celso. **O Mito do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. IPEA. **Condições de vida nos municípios de Minas Gerais 1970 – 1980 – 1991**. Belo Horizonte, 1996.

PASQUINO, Gianfranco. **Movimentos Sociais**. PP. 787-792. In. BOBBIO, N., MATTEUCI, N. e PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. 2ª ed., Brasília, UNB, 1986.



15

PEREIRA, Roberto Mendes Ramos. **Demandas e representações populares na vivência político-religiosa em Montes claros- MG (1996-2004)**. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

\_\_\_\_\_. **Testemunhos de fé e de esperança: a prática do pedir**. TEMPO E ARGUMENTO, Florianópolis, V.2 nº 1 PP.87- 110. JAN./ JUN. 2010.

PEREIRA, Laurindo Mékie. **A cidade do favor: Montes Claros em meados do século XX**. Montes Claros. Ed. UNIMONTES. 2002.

RANCIÈRE, Jacques. **O Dissenso**. In. NOVAES, Adauto. (Org) **A CRISE DA RAZÃO**. São Paulo, Companhia Das Letras, 1996.

SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro; São Paulo. Record, 2003.

SARTORI, Giovanni, MORLINO, Leonardo. (Comps.) **La comparación em las ciencias sociales**. Madrid. Alianza Editorial. 2002

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo, CIA. DAS Letras, 2000.

SILVA, Valmiro Ferreira. **Uma Enchente, Uma História, Um Povo: A formação do Bairro Sagrada Família Em São Frâncico MG**. São Francisco: 2008. UNIMONTES (monografia).

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

STARLING, Heloísa Maria Murgel. **A narrativa da república em: grande sertão: veredas**. In. BIGNOTTO, Newton. (org) **PENSAR A REPÚBLICA**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

TEIXEIRA, Faustino. **Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo**. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 14-23, setembro/novembro 2005.

TELLES, Vera. **Pobreza e Cidadania: dilemas do Brasil contemporâneo**. Caderno CRH19, Salvador, 1993. PP 7- 21.

\_\_\_\_\_. **Sociedade civil e a construção de espaços públicos**. 91-102. In. DAGNINO, Evelina (org.) Anos 90: politica e sociedade. São Paulo, Brasiliense, 1994.

## **FONTES ORAIS: PESSOAS ENTREVISTADAS**

*Amélia Mendes*, 57 anos dona de casa, moradora do bairro desde a formação em 1979.

*Padre Vicente Euteneur*, nascido na Alemanha no dia 09 de junho de 1930, num povoado de nome Riacho verde. Atualmente está com 80 anos. Chegou a São Francisco em, 1965, sendo pároco em 1971. Fundador do bairro Sagrada Família.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

16

*Teodoro Mendes*, 75 anos, aposentado, morador do bairro desde o início em 1979. Foi um dos pedreiros que construíram as primeiras casas no bairro durante a enchente. Exerceu este ofício para o reverendo por 28 anos. Atualmente é violeiro nas missas dominicanas deste bairro.

#### **FONTES MANUSCRITAS**

*Livro de Tombo I*. 1965-2000. Casa Paroquial Matriz São José, São Francisco MG.

#### **LEIS E DECRETOS MUNICIPAIS**

SÃO FRANCISCO-MG. Lei Municipal Nº. 766/80. Registro nas fls.nº. 122 Livro de Registro nº. 136 em 16/04/80. Câmara Municipal de São Francisco MG.

#### **JORNAIS DE SÃO FRANCISCO**

*SF O Jornal de São Francisco*. São Francisco. Sexta-feira, 15/04/1988, Ano XXI nº. 1210.p, 01.